

Os aliados no Norte de França—Lanceiros pertencentes às tropas colonias inglesas regressando do campo de batalha depois da occupação de Neuve Chapelle

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
 DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
 EDITOR
Antonio José de Carvalho.
 ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica
 Revista litteraria semanal de
 informação graphica
 Redacção, administração e typographia
 83, R. dos Martyres da Republica, 91
 BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
 (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Bordados Schweizer

directamente da Suíça,
franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa coleção contendo 80 figurinos novos com a nossas bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suíço.

Esta coleção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos em cambraia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e sobre sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa coleção das ultimas novidades em estofos de seda para vestidos e blusas: Crêpe, Duchesse, Tafetás, Foulards, etc., cambraia suíça 120 cm de largura desde frs. 1.35 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta coleção é igualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co. Lucerne, Suíça

Saia bordada em cambraia nº 1055
A saia inteira contém:
Disponível nas seguintes cores:
Preço da saia inteira Frs 13 80
Franco de porte

Rol da desobriga

Na administração dos *ECHOS DO MINHO* -- BRAGA, está á venda papel para o rol da desobriga.

Collegio Lyceu Português

FIGUEIRA DA FOZ

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida. — Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam.
Cursos completos de instrucção primaria e secundaria.
Professores estrangeiros para a ensino das linguas.
Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

Enviem-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Yelloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

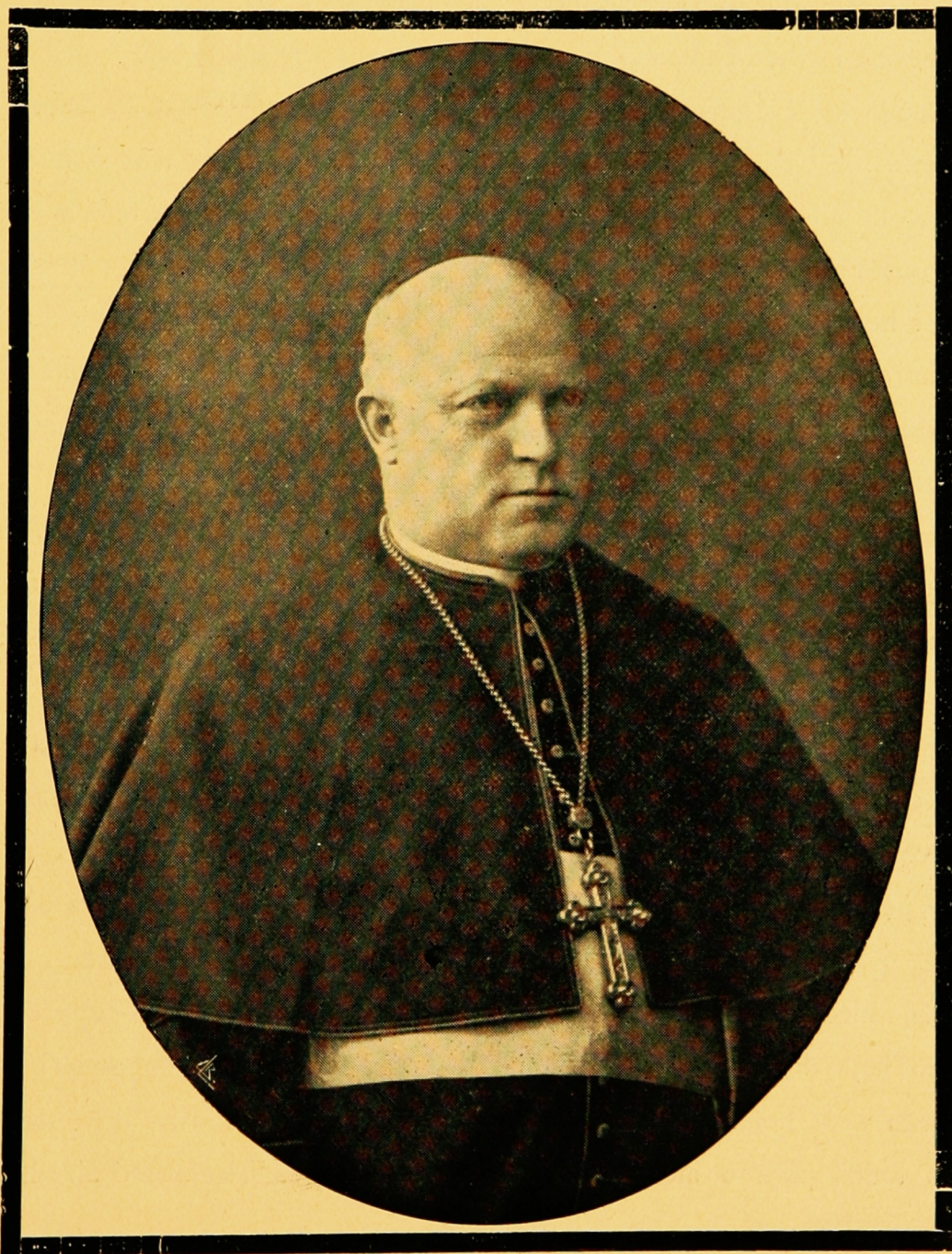
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 22 de maio de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 99—Anno II



D. Antonio Moutinho, Bispo de Portalegre

Nasceu em Aguas Santas, diocese do Porto, a 27 de dezembro de 1862 sendo eleito bispo de Argos em 18 de agosto de 1901 e depois transferido para Cabo Verde em 14 de novembro de 1904 e para a Sé de Portalegre em 29 de Abril de 1909. Falleceu em 18 de Maio de 1915.

A "Illustração Catholica", sente profundamente a perda de um prelado tão illustre.

Paz e trabalho

NO coração de todos os bons portugueses, quantos encendradamente amam esta terra sagrada e heroica que os viu nascer, uma só inspiração deve imperar: o engrandecimento da Pátria.

Mas esse engrandecimento, tão preciso e desejado, só pode realizar-se pela união firme e inabalável dos homens. Será possível unirem-se todos os filhos d'este rincão estremecido e marcharem na mesma estrada cantando o mesmo hymno de saudação á Pátria? Em todos os graves momentos da vida nacional demos o exemplo patriótico de nos ajuntarmos para resistir aos que ousavam dominar-nos. Porque não continuarmos hoje o passado illustre?

A maior guerra que se tem ferido desde que falla a Historia convulsiona o mundo, enfrenta para o exterminio milhões de homens, estão em jogo os destinos de grandes e pequenas nacionalidades, jamais no céu de Portugal se encastellaram nuvens mais tempestuosas — não soou, pois, a hora de nos unirmos para que a nacionalidade se não subverta?

Quem quer que seja o que nos lê, republicano ou monarchico, o seu coração de portuguez aconselha paz e concordia. De mais se tem pelejado. E é que quanto mais luctas se accenderem mais rancores inimisarão a familia portugueza. Não haja illusões, não as tenham homens da direita nem homens da esquerda; ou caminhamos todos para o mesmo fim re-

demptor ou todos nos afundamos no mesmo pelago.

E depois, lá no fundo, ficaremos a increpar-nos de culpas que todos temos mas que já não poderemos redimir.

Ingloria e negra morte! Mas não, não morrerá esta Pátria querida ás mãos dos seus filhos... todos farão o sacrificio — e será sacrificio? — de esquecer velhos e novos odios, unirem-se no mesmo desejo, trabalharem no muro inabalável que seja dique ás ambições estrangeiras.

Se ora se fizer uma politica de esquecimento e benevolencia, certa é a paz no seio da familia portugueza.

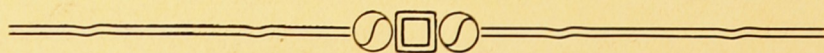
E a paz é reclamada pelo perigo imminente de perdermos a nacionalidade e pelas crises economica e financeira que sem o trabalho não conseguiremos debellar.

Voltada a serenidade aos espiritos, logo se antolhará a necessidade urgente de nos congregarmos para nos defendermos de extranhas cubiças.

E' missão do governo: a união. E o caminho que leva á união é um só: o esquecimento. Se em todos os corações se recalcarem os odios, a todas as vontades animará uma só aspiração — salvar a Pátria.

Paz e trabalho! — é a divisa do governo.

Mas a paz é impossivel sem o desaparecimento dos odios, e o trabalho não fructificará sem o restabelecimento absoluto da paz.



PARA AS ALDEIAS LEREM

SYMPHONIAS DA MADRUGADA

(VARIANTE)

I

Lá vem rindo a Aurora de labios rosados,
Semeando rubins...
E finos orvalhos dos dedos molhados,
Nas urnas das rosas, nos frescos valados,
Nos cravos raiados,
Nos meus alecrins.

II

O Gallo atordôa os quintaes dos visinhos,
Como um *fun-gá-gá*.
E a honrada gallinha, escolhendo os grãosinhos,
A' tremula prole dos seus pintainhos,
Com voz de carinhos,
Faz *cá-cá-rá-cá*.

III

Lá vem rindo a Aurora sem coifa e com bata
Da côr do lilaz.
Acordam os melros, com silvos, a matta,
E os placidos paços, n'uma agua pacata,
Mergulham a pata,
Grasnando: *Paz! Paz!*

IV

O Zé sacristão, por alcunha o *Carêtas*
Já está féro e a pé.
Da igreja abre as portas, prepara as galhetas,
No monte as cabrinhas, saltando em curvetas,
Cheirando a violetas,
Vozeiam: *Mé! Mé!*

V

Lá vem rindo a Aurora! Lá tangem buzinas
De cem caçadores!...
Nos lirios, nos goivos, nas frescas boninas,
Já mil borboletas levianas, traquinas,
Parecem meninas,
Polcando, entre amores.

VI

Tafu! franguinho, de crista encarnada,
Faz *ki-qui-ri-ki!*
Afina a calhandra a sua ária encantada,
E o grillo modesto, na relva orvalhada,
Com voz delicada,
Aplauda: *Cri! Cri!*

Cascaes.

VII

Ideal cotovia seus trilos na aurora
Prolonga e alteia.
Chilreiam as aves na matta sonora.
O boi faz gemer alcatruzes da nora.
Lá vae Theodora,
A' fonte da aldeia!...

VIII

Chocalham os gados, descendo a ladeira.
E o melro marau...
Lá furta á surrelfa, grãositos da eira,
Emquanto a cadella gentil, perdigueira,
Saltando lampeira,
Lhe rosna: *Bau! Bau!*

IX

Já sae Francisquinha da alegre cabana,
E acordando ó-ó.
Vae logo ao quinteiro, vae logo a arribana,
E o Gallo arrastando-lhe uma aza magana,
Uma aza magana,
Faz *có-có-ró-có!*

X

Na rama de um til gracioso e delgado,
Como o airoso Jesu...
Gentil rouxinol gorgoeou namorado.
Replica-lhe o cuco no seu desastrado,
Bordão malcreado
Com rimas em *u*.

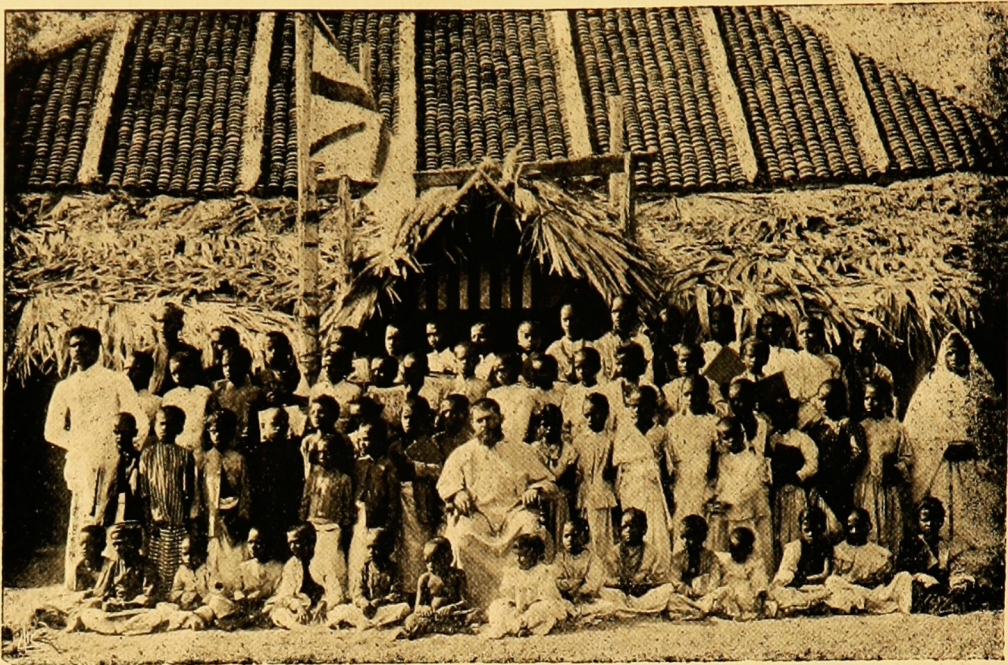
XI

Suspiram fontinhas... bimbam os sinos...
No Azul matinal.
Embora rasteiros, pueris, pequeninos,
Os córos dos grillos, das rãs, dos campinos,
Tudo ergue os seus hymnos,
A' Luz Auroral.

XII

Arrulham as pombas... A Terra á porfia
Saúda a Manhã.
E até Maricótas, burrinha alvadia,
Unindo-se aos córos, em honra do dia,
Zurrou com *poesia*
Dez vezes: *Ahn! Ahn!*

GOMES LEAL.



S. THOMÉ DE MELIAPOR (India Inglesa) —
Associação das Filhas de Maria da parochia de Punakail

Padre Manuel Bernardes



I

NA decadencia, mal massacrada, da boa linguagem portugueza — hoje tão obesa de barbarismos como cancerosa de anarchias syntheticas — é prazer e provento levantar do pó das bibliothecas alguns classicos de escol.

O Padre Manuel Bernardes, grande entre os grandes, merece a profundante leitura pela pureza, pela doçura e pela graça do seu argentino estylo. O nobre oratoriano fica bem ao pé de Fr. Luiz de Sousa, do genial Padre Antonio Vieira e do immorredoiro Camões.

O que não fica bem á nossa geração, clamorosa de tradicionalismo, é refocilar-se nos gallicismos, reforçando-os dia a dia com estrangeirismos de variadas procedencias, e ficar convencido de que serviu a Patria Nova — a sonhada Patria Nova! — esfarrapando-lhe e barbarisando-lhe a lingua d'oiro fino.

O que não fica bem aos defensores do resurgimento nacional é esquecerem a vida dos seus melhores escriptores e pensadores, e — tudo sob o pretexto de *nova corrente* — conhecerem, anno por anno, os factos salientes da existencia do conde de Golineau, de Maurras, de Carlyle, de Tols-toï... e tambem de Gabriel d'Annunzio, porque ha refor-

madores com estomago, fígado e paladar para todos os acepipes... A questão é que venham do estrangeiro.

*

* *

Pois, a simples vida do Padre Manuel Bernardes já é de si uma grande e profunda lição portugueza.

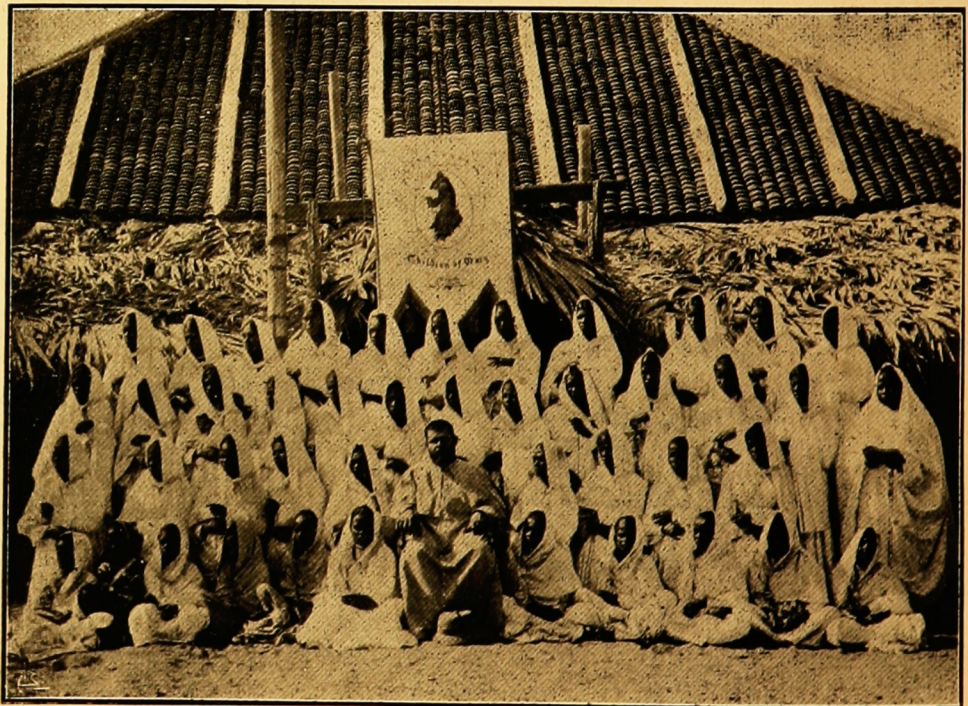
O eminente classico, nascido em Lisboa a 20 de Agosto de 1644, não se estreou de afogadilho, á busca de renome facil e de proventos que lhe saciassem a bolsa e o ventre.

Honesto, intelligentissimo, de fé pura, integra, opulenta de sinceridade e ardor, matriculou-se na Uni-

versidade de Coimbra no estudo da philosophia e depois no do direito pontificio.

O seu grande talento, evidente desde as primeiras letras, não procurou assombrar com audacias: revigorou-se no estudo e na meditação pura. Consciencia elevadamente religiosa, não se contentou com syntheses faceis, propicias á reputação de tantos superficiaes: aprofundou, analysou, compulsou, com probidade e tenacidade, não se apressando em exteriorisar, em diffundir, em propagar, a substancia do que estudara e meditara.

E assim o vemos até ser ordenado. Cerca-o já a gloria, e elle ignora-o. O seu valor não poderá ser abafado pela modestia peregrina de tão admiravel espirito. Mas o Padre Manuel Bernardes, mesmo já padre, desvanece-se tão



Escola de S. Miguel. Ao centro o rev. Manuel Joaquim Pinto, missionario portuguez

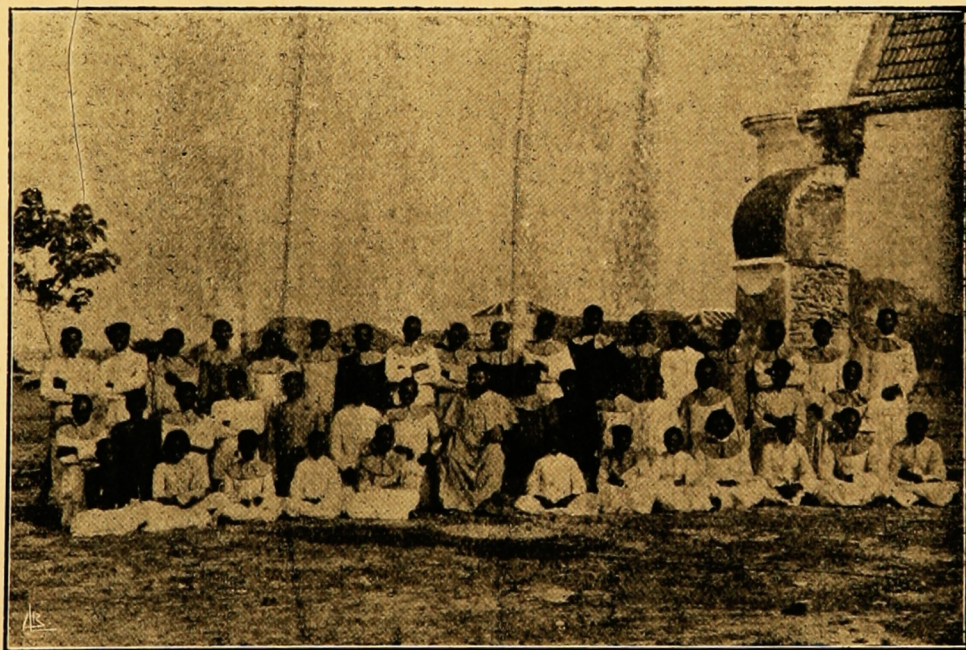
pouco com o seu renome, julga-o tão factuo e excessivo, que nunca se julgou digno da alta dignidade de confessor de D. João de Mello, bispo de Vizeu.

O joven presbytero accitou, depois de instancias constantes, o convite do prelado, mas, aos trinta annos, depois d'uma grande lucta intima, vemo-lo entrar na Congregação do Oratorio, introduzida no nosso paiz por Bartholomeu do Quental.

Nenhuma ordem como aquella para a cultura das letras, das artes, das sciencias. Antonio Feliciano de Castilho alevantou os serviços d'essa ordem primacial, não duvidando julga-



S. THOMÉ DE MELIAPOR—(India ingleza). O rev. Manuel Joaquim Pinto, prior da Cathedral, rodeado dos alumnos que frequentam a escola da parochia



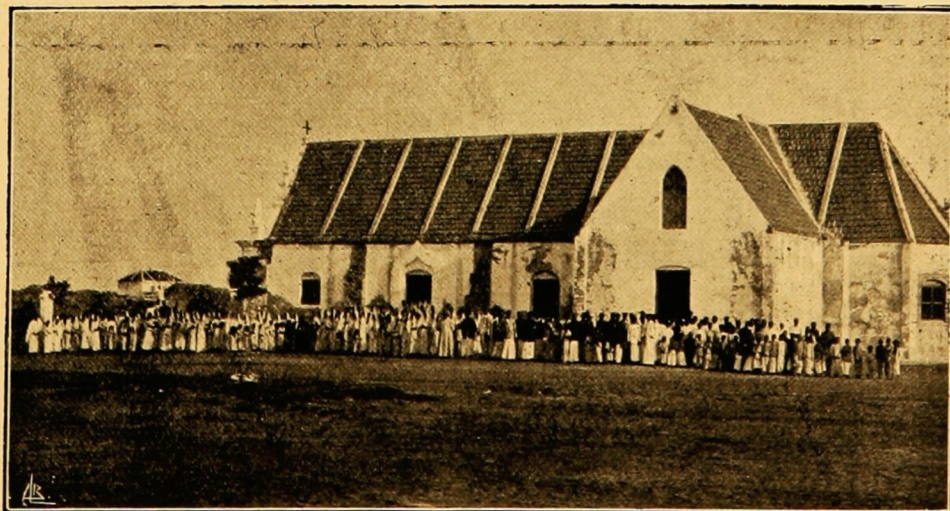
Associação de S. Luiz Gonzaga. Os associados e o seu director espiritual

los superiores aos de outras collectividades—que os pobres homens do nosso tempo chamam *laicas*, com o triste direito por elles conquistado na demolição de todo o espirito religioso nas escolas.

E o Padre Manuel Bernardes n'aquelle retiro fez amadurecer o fructo de tantos estudos e meditações. Purissimo de costumes, de fé, modelo de trabalho mental e moral, tranquillo e, comtudo, sempre valoroso apostolo — o confessorio e o pulpito e a cathedra de professor foram o seu triplice campo de

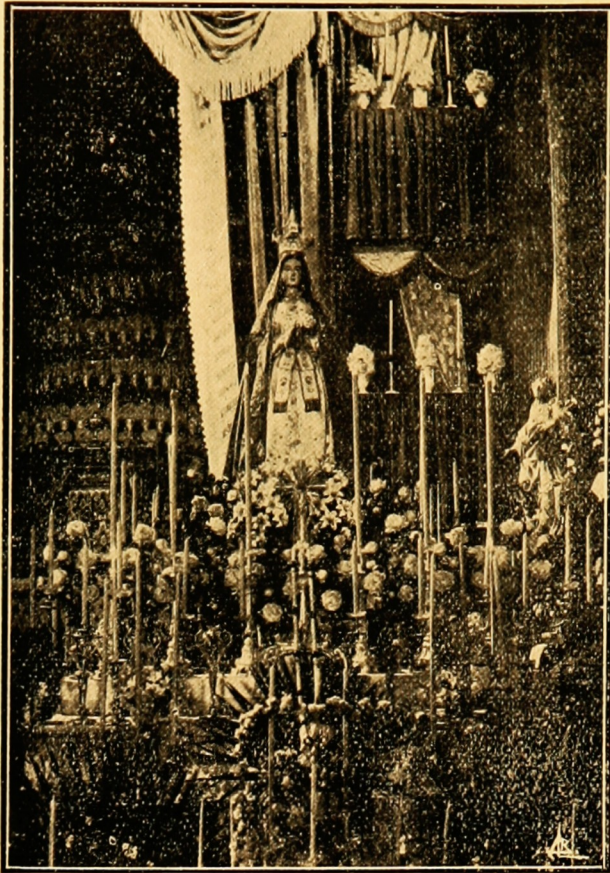
batalha — todo elle foi abnegação, esquivaça a glorias mundanas, amor do sacrificio e da virtude, mas operosidade litteraria e theologica.

A morte do Padre Manuel Bernardes, a 17 d'Agosto de 1710, é tragica. O santo oratoriano morre, depois de dois annos de infinita agonia, conhecendo que a demencia o ia empolgando aos poucos, como um polvo, de tentaculos acerbos, a atacar de manso, perversidade fluctuante, vagarosa, mas invencivel. Têm de prohibir-lhe a celebração do Santo Sacrificio da Missa. Está inutilisado para sempre aquelle cere-



Egreja parochial de Punakail. O rev. Manuel Joaquim Pinto rodeado de muitos dos seus parochianos

(Cl. chês de Mgr. J. Lopes da Silva)



BRAGA—A imagem de Nossa Senhora da Torre, padroeira da cidade, no dia da sua festa.

bro titanico. Prouve a Deus dar-lhe tão inoportavel sepultura dentro de si proprio. Mas a sua obra de confessor e de escriptor fica soberana. Da primeira, fallam milhares de almas penitentes, que a sua palavra esclareceu, consolou e fortificou. Foram inumeros os que

lhe deveram a salvacão da alma, ouvindo-o no pulpito, no confessorio e na cathedra — lugar sublime em que o ensino pôde tanto ser prêdica como a prêdica pôde ser confessorio.

Como escriptor, é um dos grandes e admiraveis classicos da lingua portugueza. Castilho, o prodigioso vernaculista, aprendia muito n'ele, forjando nos seus cadinhos o melhor do seu oiro. Camillo Castello Branco lia-o com enterhecimento e encanto, e dizem-me que Eça de Queiroz, nos seus ultimos tempos, volvia para a obra de Bernardes olhares tão admirativos como pungentes, deplorando o excesso de francezismo com que tão mal entendeu renovar e adestrar-se na dôce e copiosa lingua dos filhos de Portugal.

O Padre Manuel Bernardes não foi logo um clarim de reputacão consagrada. Ainda no proximo, tão proximo, seculo XIX, floreteavam os controversistas sobre o genio portuguezissimo de Bernardes.

Se bem me recordo, até Antonio Feliciano de Castilho enriquecer as nossas lettras com o thesouro da *Bibliotheca Classica*, o grande oratorio só a medo era apontado entre os grandes mestres de lingua e do pensamento nacional.

Rebello da Silva explica que se deve a injustiça á falta d'um trabalhador judicioso, que da obra vasta d'um escriptor extrahem as flôres puras, como, afinal, fez o grande Castilho.

O auctor dos *Fastos da Igreja* como que dá razãõ ao relativo olvido em que cahiu Bernardes. Diz Rebello da Silva:—*Proceda a culpa da natureza e volume dos seus tratados, e*



BARCELLOS—Um aspecto da feira das sogas



CINTRA—Vista geral e o antigo Palácio Real

da repugnancia com que os mais intrepidados mesmo recuam diante da espessura cerrada de largas paginas de argumentação escolastica e theologia ascetica, cortadas a cada momento de citações latinas e de invocações dos santos padres.

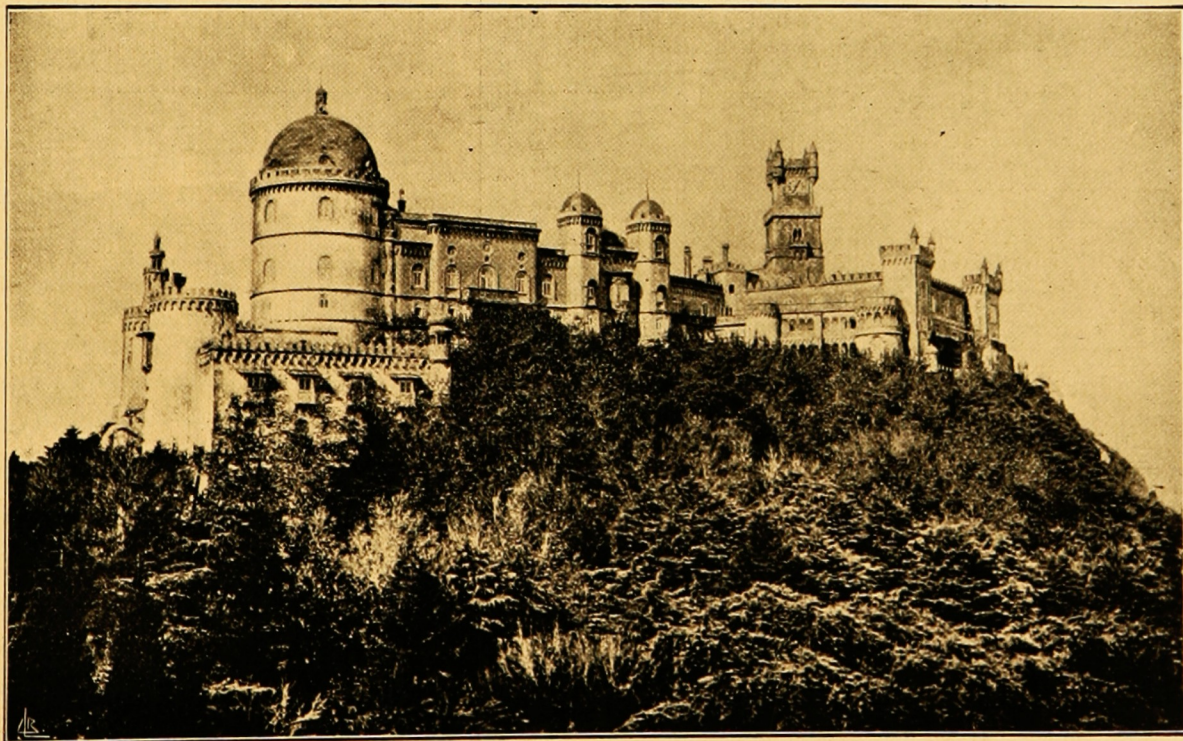
Esta explicação é antes uma definição da superficialidade lamentavel de quasi todos os nossos homens de letras, mas, seja como fôr, elucida honestamente a realidade triste.

O que é certo é que as obras de Bernardes ainda hoje não são muito lidas e comprehendidas... mesmo na sua anthologia, uma das mais preciosas e bellas da litteratura mundial. Não tem mais doçura e vernaculidade os excer-

ptos das obras de Virgilio, do Dante, de Milton, de Klopstol, de Racine, Fénelon e Massillon. Gessner e Florian não nos offerecem paginas mais suaves, apezar da enorme differença dos generos. Pois posso apostar que os portuguezes, mal conhecendo Bernardes, leram todas, ou quasi todas, aquellas anthologias estrangeiras, decorando-as como maravilhas unicas da inextgotavel arte humana.

*

Decerto Bernardes não é impecavel. Não o foram Camões e Vieira. De Homero e Virgilio todos conhecem os innegaveis defeitos.



Palácio da Pena



CINTRA — Vista de Cintra e Castello dos Mouros

Mas os defeitos do adoravel oratorio são quasi todos do seu tempo.

Marini e Gongora tinham alcançado o seu ephemero, mas ruidoso triumpho, e aquellas

○ affectações eram tão fundamentadas em fortes theorias da plasticidade do estylo, que, entre nós, Luciano Cordeiro achou o gongorismo producto logico e justo da vida meridional, e Victor Hugo n'elle foi beber muita da virilidade estridente dos seus concei-
tos, eriçados de antilheses.

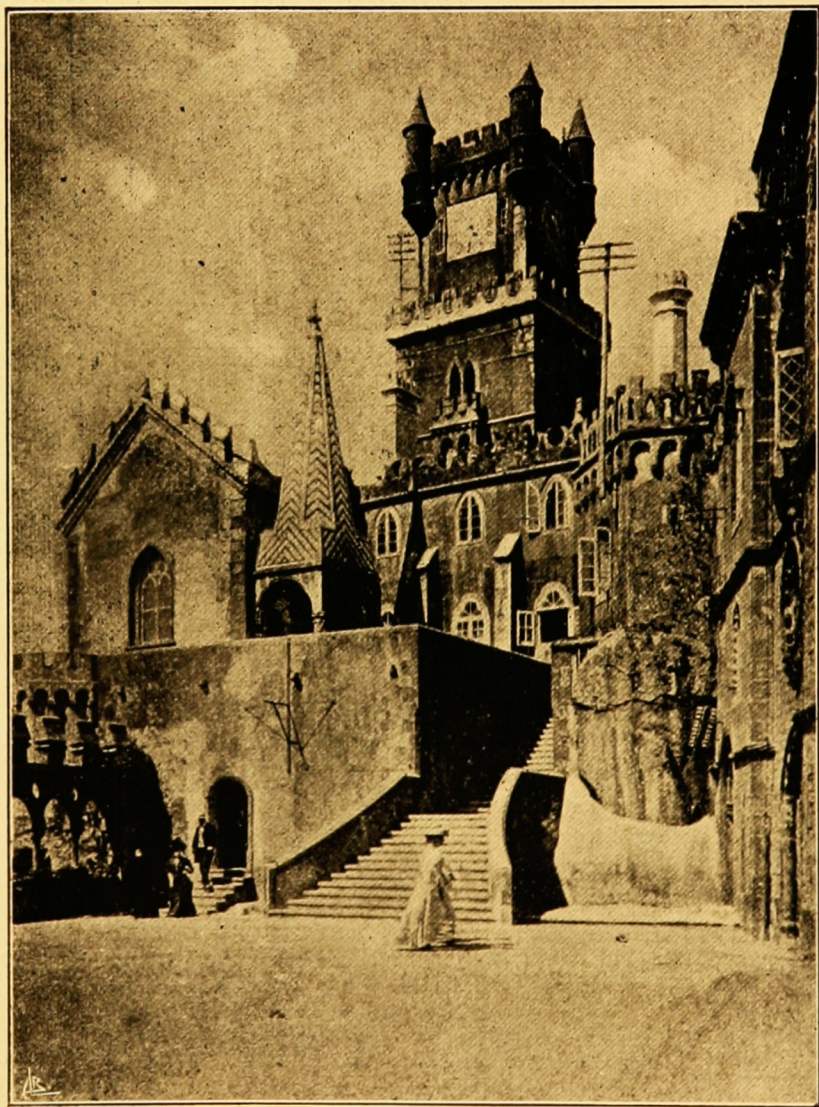
Comludo, o gongorismo de Bernardes, como o de Vieira, aprimorava dentro do vernaculo mais puro a lingua portugueza. Tanto o grande oratorio como o grande jesuita tomavam a peito, acima de tudo, no estylo, alevantar e enriquecer dentro do espirito nacional a admiravel lingua que fallavam e escreviam.

Assim — e isto diz tudo do valor de Bernardes — o Padre Antonio Vieira dizia na Bahia, em 1697: — *Emquanto vivo fôr o meu Padre Manuel Bernardes, ninguem se amesquinhe por esta formosa lingua!*

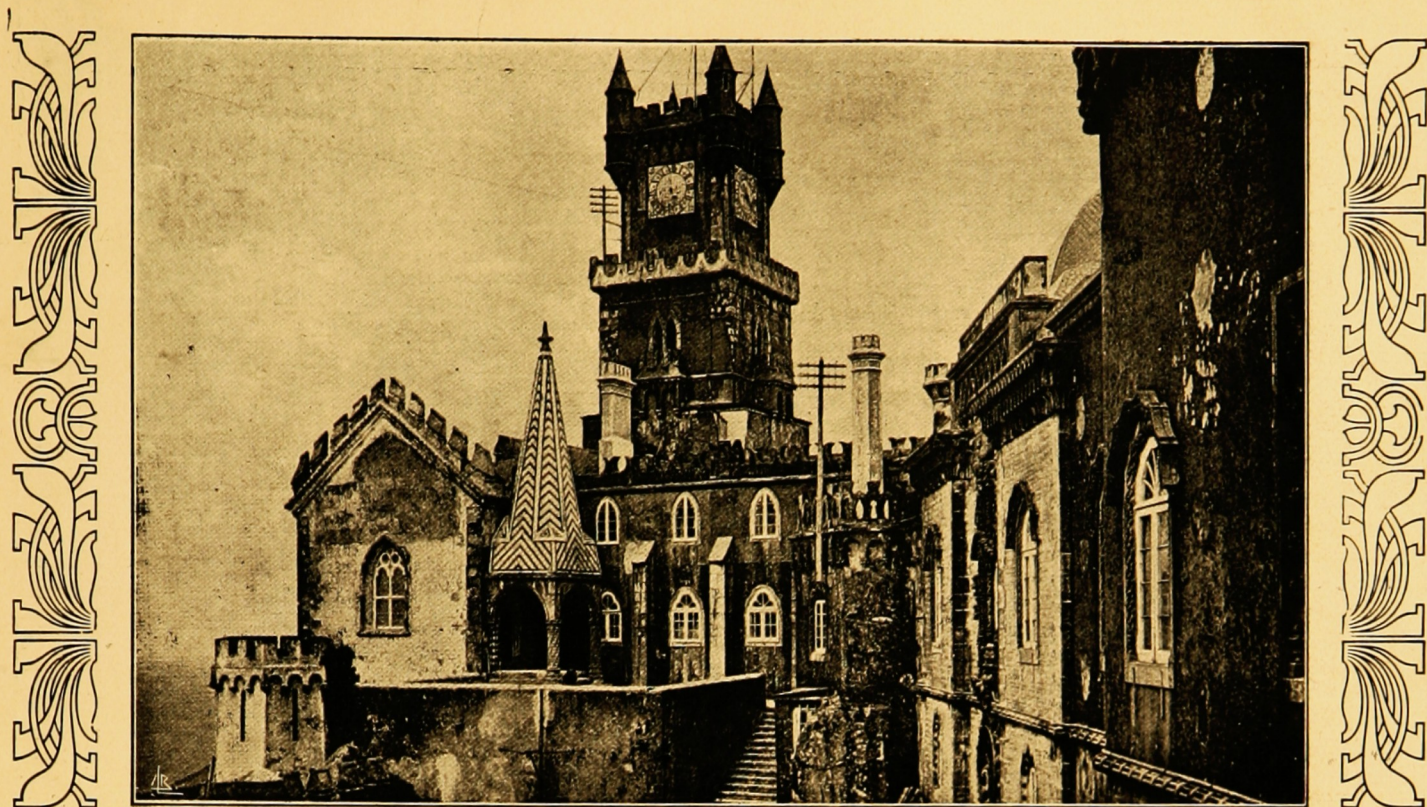
E' evidente a paixão patriotica dos dois: do julgador eminente que apontava assim o seu legilimo successor, e de Bernardes designado por quem não legaria a sua missão a quem a não honrasse em tudo.

Mas passageira macula é no oratorio o gongorismo, se ninguem até hoje desmentiu a seguinte opinião que alevanta Bernardes como escriptor e tambem como theologo e pensador:

“Uma piedade solida, o zelo mais efficaz do aproveitamento espirital do proximo, copiosa erudição profana e sagrada, um estylo luminoso, nobre,



A Capella do Palacio da Pena



CINTRA — Torre do Palácio da Pena

sempre constante, a belleza e vivacidade da expressão, constituem os escriptos todos d'este insigne mestre do espirito...»

Notem como esta opinião de doutos criticos, collaboradores d'uma mesma obra lexicographica, affirma em Bernardes um dos classicos mais verdadeiramente portuguezes que devemos recomendar a quem deveras ama não só a lingua da Patria como todo o nosso espirito tradicionalista.

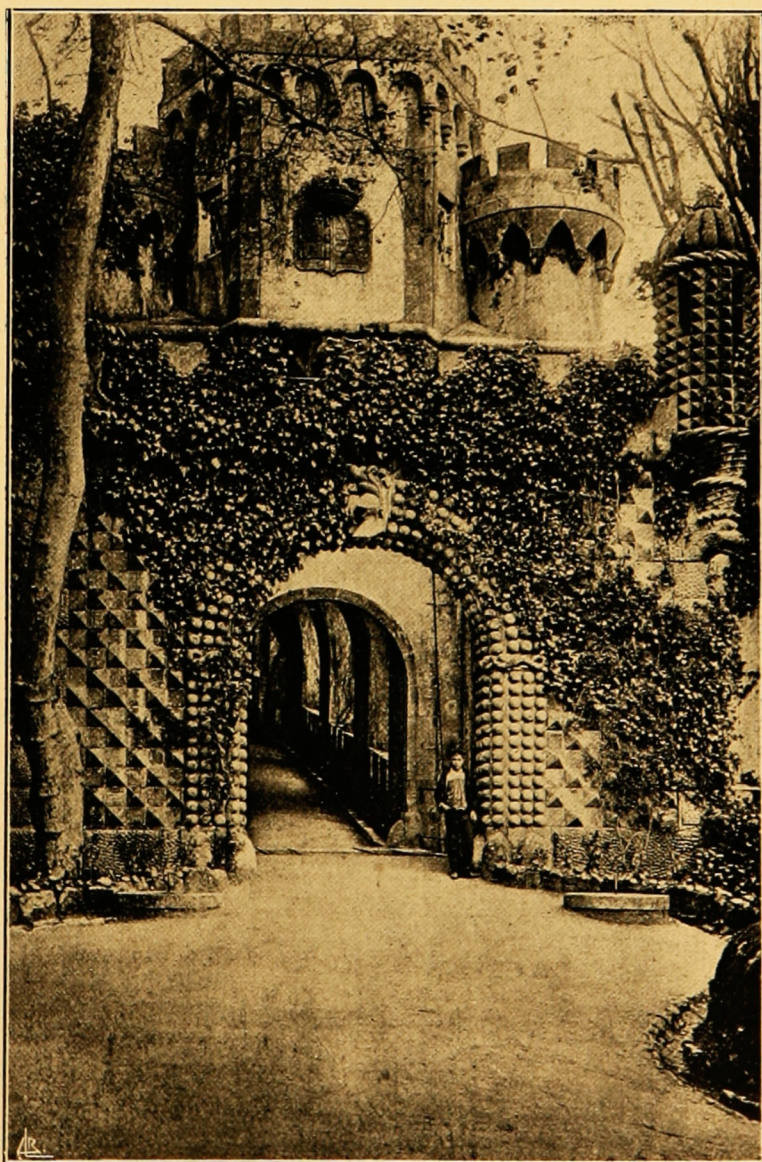
O theologo é tão alto como o escriptor — pelo que a sua fé se revela propria d'um genuino portuguez. Mas, se a essencia é puramente catholica, a fôrma é luminosa e nobre — qualidade lusitana — e tem belleza e variedade de expressão, predicado tanto de bons portuguezes, que só anda um tanto perdida desde que macaqueamos o muito difficil *humour* da *Merry England* e a garotada verve da *douce France*.

E a opinião d'aquelles criticos é a de Candido Lusitano, Castilho, Rebello da Silva, Cunha Rivara, etc.

Bernardes é um manancial puro, portuguezissimo, de ideias, sentimento e estylo. Compartilha com Fr. Luiz de Souza a gloria de ser o nosso Racine na doçura e pureza, e tanto, como o Padre Vieira, de reputação de *artista-pensador*, que alguns dos nossos Boileaus não duvidaram classificar o oratoriano de muito imitador do grande padre jesuita.

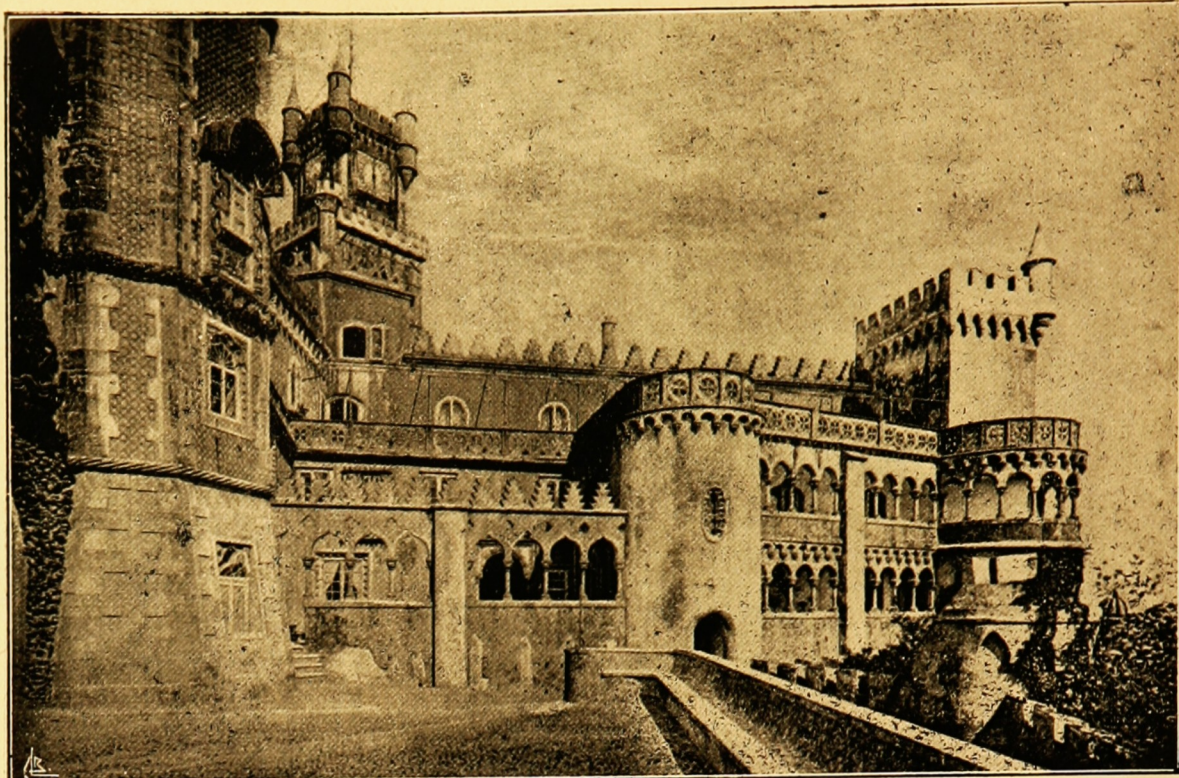
JOSÉ AGOSTINHO.

O governo, que faz que todos gozem tranquillamente da maior latitude de liberdade possivel, não pôde deixar de reputar-se um bom governo,



Entrada do Parque da Pena





CINTRA — O terraço do Palacio da Pena

Fastos do Catholicismo



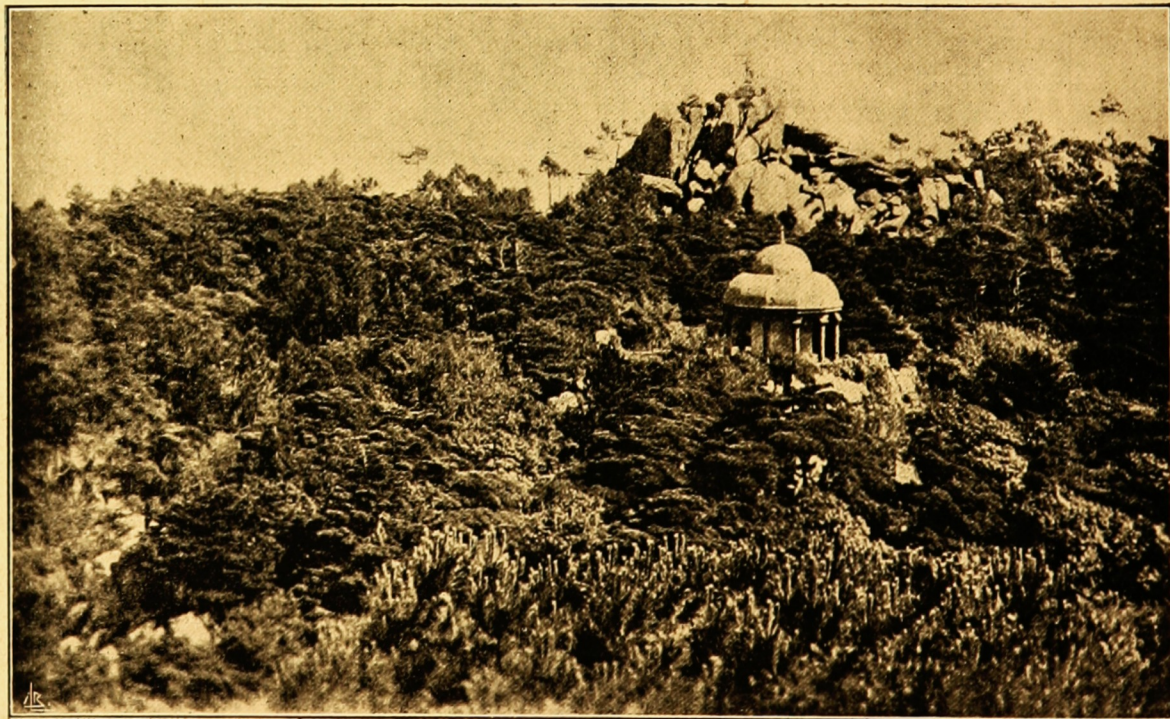
Auxilium Christianorum

Vae erigir-se na praça de Maria Auxiliadora, em Turim, um monumento á Virgem, em honra do immortal D. Bosco, verdadeiro servo de Deus que tanto bem fez em favor da juventude desvalida e pobre. Vae ser uma obra de arte memoranda. N'ella ha de reflectir-se o genio admiravel do esculptor Cellini.



Por Dante

Afim de preparar o centenario de Dante Alighieri que foi um grande poeta, o maior dos poetas christãos e terceiro franciscano, comecou a sua publicação uma revista illustrada. Tem por fim fazer salientar a doutrina contida na *Divina Comedia* e em outras obras do poeta-theologo. Para maior instrucção dos seus leitores, a revista fará conhecer com artigos e illustrações os logares, as pessoas e as illustrações dantescas.



Um trecho da serra de Cintra



GUIMARÃES — A chegada do Senhor Arcebispo Primaz
ao Largo do Proposto

EM GUIMARÃES

Visita do Senhor Arcebispo Primaz



A vetusta e nobre cidade de Guimarães recebeu condignamente o inclito Arcebispo Primaz de Braga, Senhor D. Manuel Vieira de Mattos.

Vestiu-se das suas melhores galas, adornou-se festivamente, n'um entusiasmo sincero de crença, respeito e estima, para acolher o venerando Primaz das Hespanhas.

Foi um dia de infinito jubilo para todos os vimarãesenses, que, á porfia, queriam cumular o illustre Prelado com as mais fidalgas demonstrações de veneração e sympathya.

As janellas ornamentadas de colchas e bandeiras, repletas de formosissimas damas, e as ruas e praças coalhadas de povo, n'um expontaneo e caloroso movimento de affecto e singular hospitalidade ao excelso visitante, eis em rapidos traços o que foi essa manifestação que a vizinha cidade tributou ao Senhor D. Manuel Vieira de Mattos, no já hoje memoravel dia 8 de maio de 1915.

*

As flôres que ininterruptamente eram lançadas sobre Sua Ex.^{ta} Reverendissima constituíam outros tantos adoraveis fragmentos da alma terna e crente do bom povo d'aquella linda e importante localidade que por fôrma sobremodo ga-

lharda e gentil recebia dentro dos seus muros a figura inconfundivel do grande Antistite portuguez.

Tanto as solemnidades religiosas na Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, igreja da Misericordia, etc., como a impo-nente peregrinação á montanha santa, onde a Virgem da Penha despede os olhares suavissimos da sua graça e misericordia divinas sobre os seus filhos, foram revestidas d'uma pompa jámais vista, e de um brilhantismo que ficará registrado a lettras d'oiro nos fastos da historia religiosa da cidade fundadora d'esta nacionalidade.

Guimarães ha de legitimamente ufanar-se de ter prestado ao venerando Principe da Igreja Catholica, os testemunhos mais eloquentes e significativos da sua mais alta consideração.

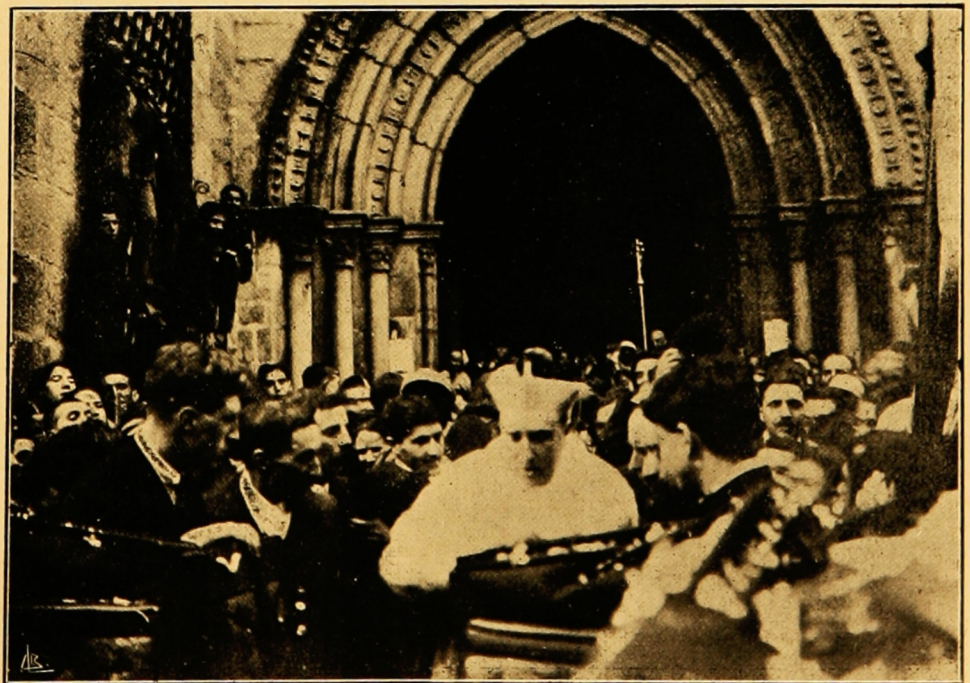
A manifestação de que damos aqui uma pallida nota é a prova mais evidente da catholicidade do clero, nobreza e povo d'aquella laboriosa cidade.

Pelo Condestavel

(A Almafalla)



COMMOVERAM-ME profundamente as singelas mas vehementes palavras de *Almafalla* no seu artigo 'Uma



O Senhor D. Manuel Vicira de Mattos sahindo da Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira depois do «Te-Deum»

festa nacional. E' que eu, acostumado a admirar as glórias do Condestavel, sentia tristeza, uma tristeza profunda ao ver o olvido a que iam votando a memoria do maior dos filhos de Portugal, grande não só pelas suas glórias como pelas suas virtudes.

E se na corôa d'ouro dos reis de Portugal se foram engastando como joias os nomes de Ourique e Salado, Navas de Tolosa e tantas outras façanhas gloriosas dos nossos maiores, vem realçar o seu brilho as epopeias immortedouras dos Atoleiros e Trancoso, de Aljubarrota e Valverde. Mas não se adquire *Almafalla*, d'esse olvido a que vão volando a memoria do Condestavel, guerreiro e santo!

Ha muito que em Portugal se ridicularisa o sentimentalismo exagerado e mettido está n'esse numero, o recordar as paginas gloriosas da Historia de Portugal, e se alguem, olhando para o passado, vertesse duas lagrimas pela impossibilidade de ver resurgir de novo o que nos fez grandes no mundo, isto é, ver resurgir as figuras lendarias de Egas Moniz, o honrado cumpridor da sua palavra, de Gonçalo Mendes, o infatigavel soldado da Cruz, de Martim de Freitas, o leal alcaide de Coimbra, das figuras immortaes dos infantis filhos do mestre de Coimbra, das figuras immortacs dos infantis filhos do mestre de Aviz D.

Duarte, o sabio, D. Henrique, o infante da Sages, o santo D. Fernando, martyr em Fez e o infeliz D. Pedro, duque de Coimbra e do seu fiel e nobre companheiro D. Alvaro Vaz de Almada, conde de Abranches e, enfim, de toda essa pleiade brilhante e heroica de descobridores que na India e na Africa souberam verter o seu sangue pela honra de Portugal.

Alcunha-lo-hiam de sentimental piegas. Mas tudo isto são postiços de quem mais teme o ridiculo que a falta de dignidade e a falta de character. Que haja quem saiba fallar ao coração da mocidade portugueza e a pouco e pouco «uma aurora de luz patriotismo illuminará Portugal» como muito bem diz *Almafalla* no seu artigo. E que melhor maneira de fallar ao coração de quem se preze de ser portuguez do que recordar o nome de Nun'Alvares? Ah! *Almafalla* siga, siga por Deus n'essa cruzada bemdita; eu conheço bem o poder magico da sua voz e o entusiasmo da sua alma quando falla no maior nome da nossa historia patria! Não me esquecerei jámais quando, n'uma



GUIMARÃES— O povo, no largo da Republica do Brazil, esperando que o Senhor Arcebispo Primaz lance a benção antes da partida da peregrinação á Penha

data que não recordo para que *Almafalla* não possa levantar o veu do incognito que quero conservar, me disse entre outras coisas: "Lembre-se de D. Nuno e procure ser como elle.."

Senti como que um vento de entusiasmo a abalar-me a alma profundamente e desejei, desejei muito, uma espada tão heroica como a d'elle, uma alma tão pura como a sua, e na riça tempera do seu character sem mancha, purificar este coração que me pulsava tão violentamente no peito. Não, não me esquecerá jámais essa phrase, e, ainda que d'elle nem um pallido reflexo serei, tenho feito desde então o possivel para attingir esse enorme impossivel

Tabebi, 13—5—915.

M.



O venerando Prelado sahindo da igreja dos Santos Passos para acompanhar a peregrinação

As palavras ditas a proposito, são pomos de ouro em vasos de prata.

Villa Viçosa antiga

Palacete em casa de Campo da Tapada da Casa de Bragança



F

Ol o 5.º Duque de Bragança, 3.º de Guimarães e 4.º marquez de Villa Viçosa, D. Theodosio I, quem mandou edificar este palacete cerca do anno de 1540 no sitio chamado da ribeira de Borba, pertencente ao concelho d'esta denominação. Elle a mandou edificar para alli passar o verão por ser sitio ameno e fresco onde ia passar temporadas.

Em 1637 esteve alli bastante doente seu filho o duque D. João II e talvez em reconhecimento por ter obtido grandes melhoras n'essa grave enfermidade, mandou elle

edificar alli uma igreja sob a invocação de N. Senhora de Belem, para ouvir missa nos dias santificados, bem como um touril e praça de touros para seu entretenimento e das suas comitivas.

D'estas ultimas obras só restam escombros a não ser o palacete e que se encontra em bom estado de conservação e bem mobilado. Este palacete só servia nos ultimos annos da monar-



GUIMARÃES—Um aspecto da peregrinação á Penha ao passar nã rua de Santo Antonio

(Clichés do rev. J. C. Simões de Almeida)



A passagem da peregrinação no Passeio da Independencia

(Clichê do phot. am. snr. Luiz do Souto)



GUIMARÃES— A montanha da Penha na chegada da peregrinação.
Um lindo aspecto da imponente manifestação religiosa

(Cliché do snr. Domingos Machado)

chia para os monarchas e convidados descansar das suas diversões venatorias e tomarem qualquer leve refeição.

N'este palacete se hospedaram, no tempo do Duque D. João II, mais tarde nosso rei, varios vultos de importancia, taes como: Rei D. Sebastião, em 1573, que o veio visitar inesperadamente, quando regressou d'uma excursão que fez ao Algarve e n'elle teve tambem um bispo de Elvas uma conferencia para lhe ser lida uma carta na qual se fallava do mo-

viniento restaurador; em 1584 tambem ali pernoitou o archi-duque Alberto.

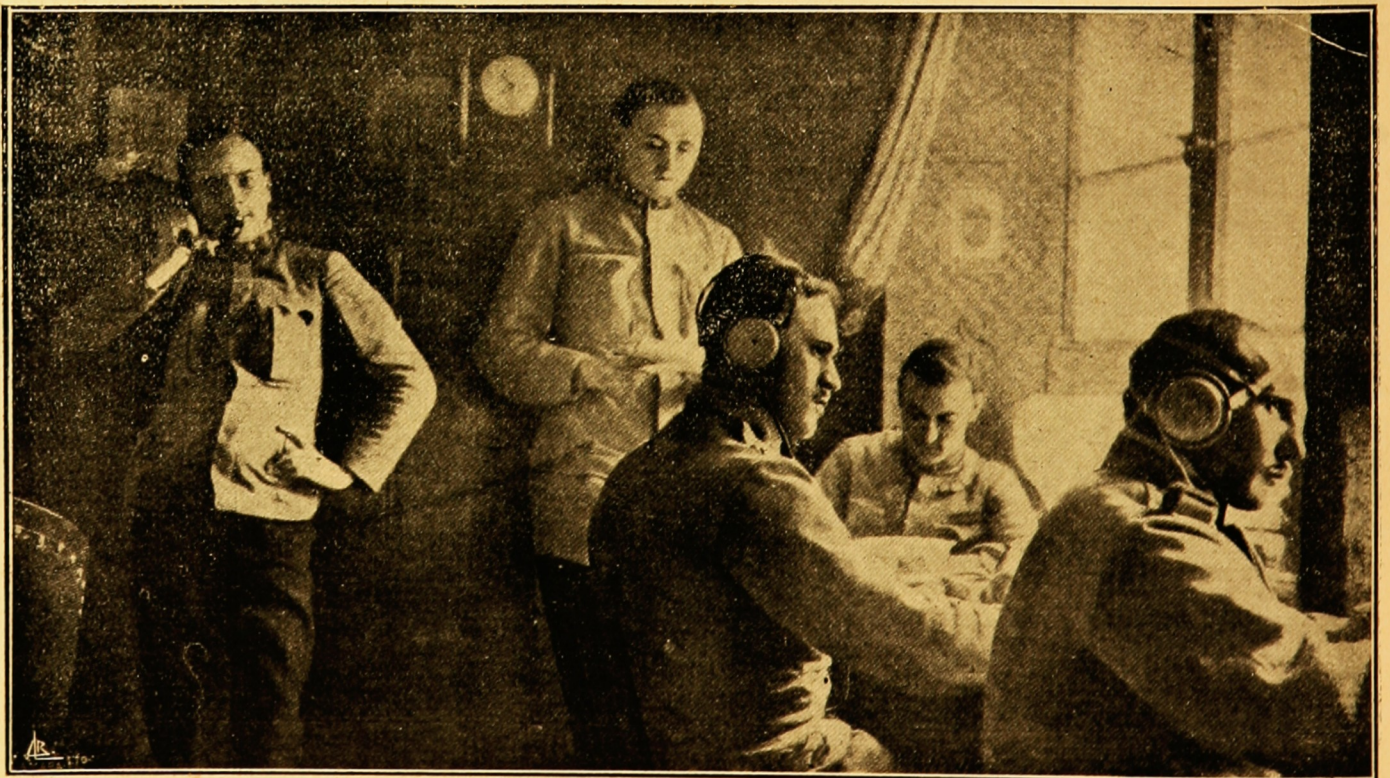
A tapada onde está este palacete tem de comprimento 6:000 metros e 3:280 na parte mais larga.

N'ella tambem existiu, dizem os documentos antigos, um lago immenso no qual fluctuava um rico bergantim dourado. Isto fica para outra vez.

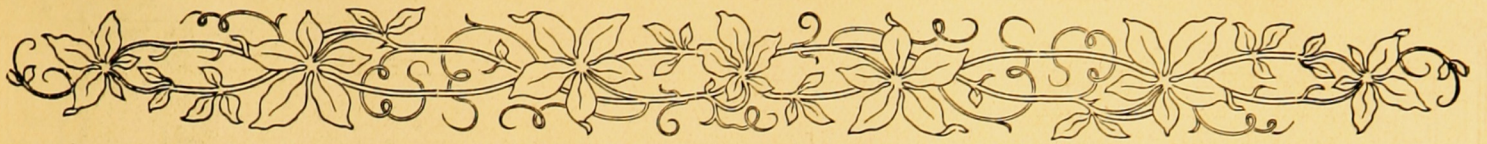
Villa Viçosa.

PADRE ALBERTO GONÇALVES.

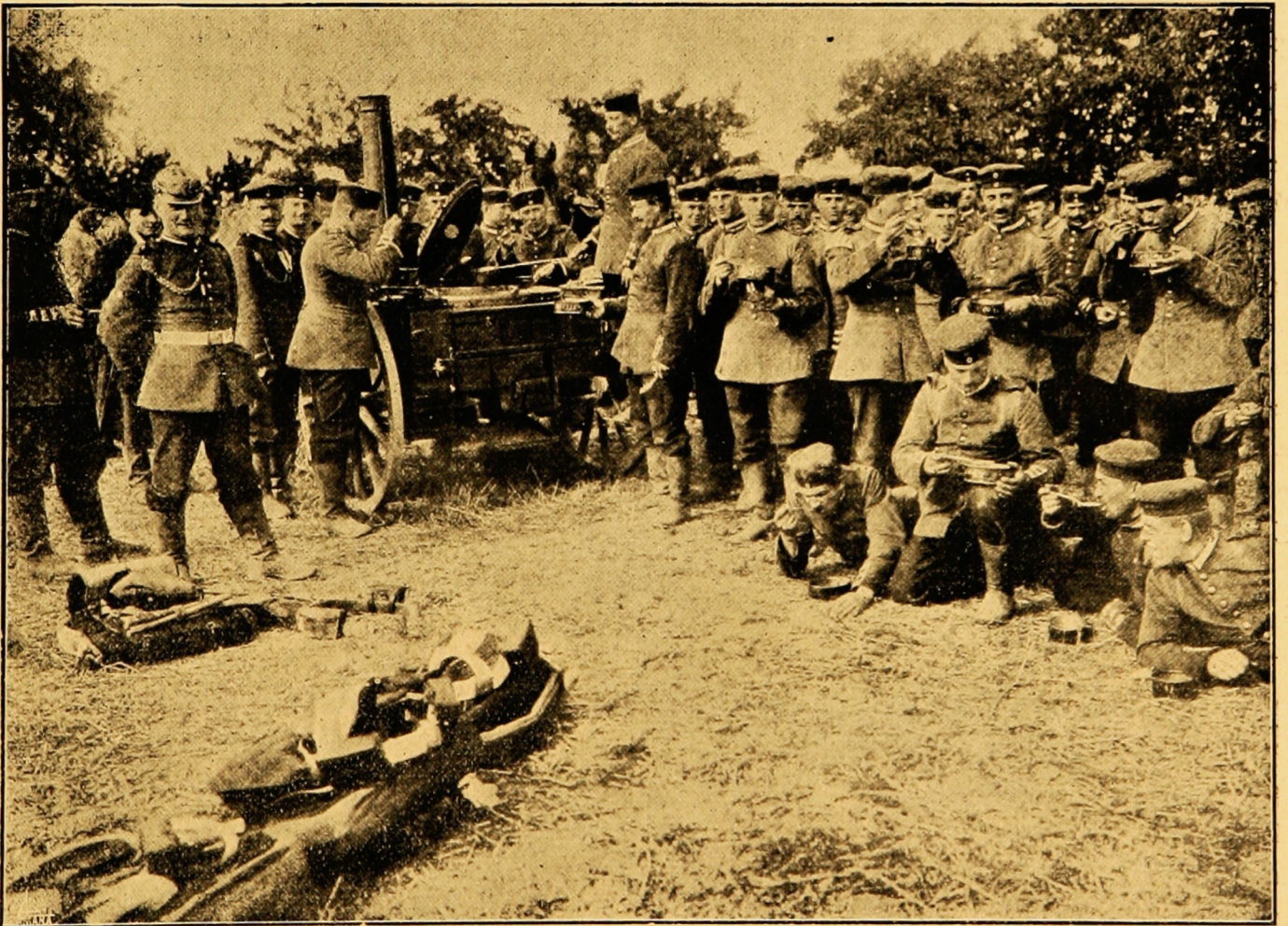
A GUERRA EUROPEIA



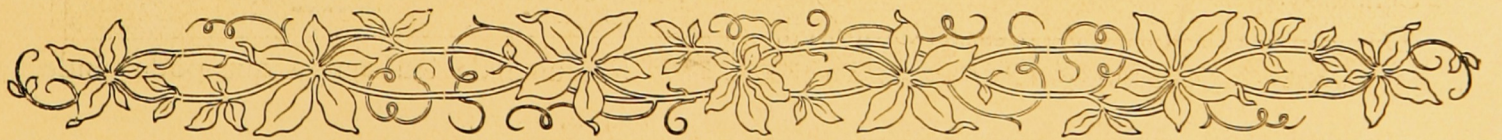
Uma estação telephonica no acampamento austro-hungaro



Soldados austro-hungaros no acampamento orando diante de uma imagem da Virgem



Soldados de um regimento alemão durante a distribuição do rancho



Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



Principe d'Orange

Bom agouro

Inglaterra declarou guerra á Hollanda em março de 1672. O principe d'Orange e os hollandezes estavam resolvidos a uma resistencia desesperada.

—Não vêdes que o vosso paiz está perdido?

Dizia o duque de Buckingham ao principe d'Orange.

—Ha um meio de não assistir á sua perda, é morrer no ultimo fosso.

Respondeu o heroe.

A' la lanterne!

Nos dias tenebrosos da revolução franceza, o povo de Paris enforcava nos candieiros das ruas as pessoas que eram realistas ou por tal accusadas. A multidão ululava infrene sempre que prendia um d'esses infelizes: — *A' la lanterne!*

Ao lampião! Era o grito de morte. O celebre abbade Maury, corajoso e eloquente, foi um dia agarrado pela multidão e conduzido á morte com o fatal grito á *la lanterne*. Porém, elle voltando-se para a turba diz-lhe com a maior serenidade:

—Digam-me francamente se pondo-me no logar do candieiro ficam a vêr melhor!

Uma risada unisona foi a resposta. E enquanto os assassinos festejavam o dito, o abbade desaparecia.

Curiosidade das multidões

Cromwell regressava da Irlanda, vencedor e arrogante, desembarcando em Bristol. Apinhava-se na passagem uma multidão immensa enchendo os ares com aclamações.

Que multidão para vêr o triumpho de Vossa Senhoria!

Disse um dos circumstantes a Cromwell, que respondeu seccamente:

—Maior seria para me vêr enforcar.

Quando da guerra dos cem annos, Eduardo III effectuou um desembarque na Normandia, pilhando e queimando tudo que encontrava. Ao pisar a terra de França o pé escorregou-lhe, e cahiu.

—Voltae para a vossa nau, presado senhor, porque é signal de desgraça.

Aconselhavam-lhe os cavalleiros.

Logo respondeu o rei:

—Porque? Este é um bom signal, significa que a terra me deseja.

A herança do carrasco

No anno de 1593, reinando em França Henrique IV, foi condemnado á morte e executado o carrasco de Melun pelo crime de moeda falsa. Como este homem deixasse uma somma consideravel, não faltou logo um cortezão que fosse pedir ao rei a herança confiscada. Henrique respondeu:

—Eu vo-la concedo com a condição que haveis tambem herdar o seu officio.

O cortezão recusou a segunda parte, e a herança foi para estabelecimentos de beneficencia.

Bofetão historico

O conde d'Essex, tendo recebido um bofetão da rainha Izabel de Inglaterra, de quem era valido e á qual, em momento de mau humor, voltara as costas, metteu mão á espada, mas considerando, disse:

—Que faço? tudo é permittido a uma mulher. Mas juro que Henrique VIII não me teria feito impunemente uma tal affronta.

* * *

Para assegurar nossa vida temos necessidade de bons amigos ou de maus inimigos.—*Plutarco.*

Presume de teu amigo que pôde ainda ser teu inimigo.—*Seneca.*